

A VIDA DOS DEPORTADOS DE JUDÁ NOS CAMPOS DA BABILÔNIA:



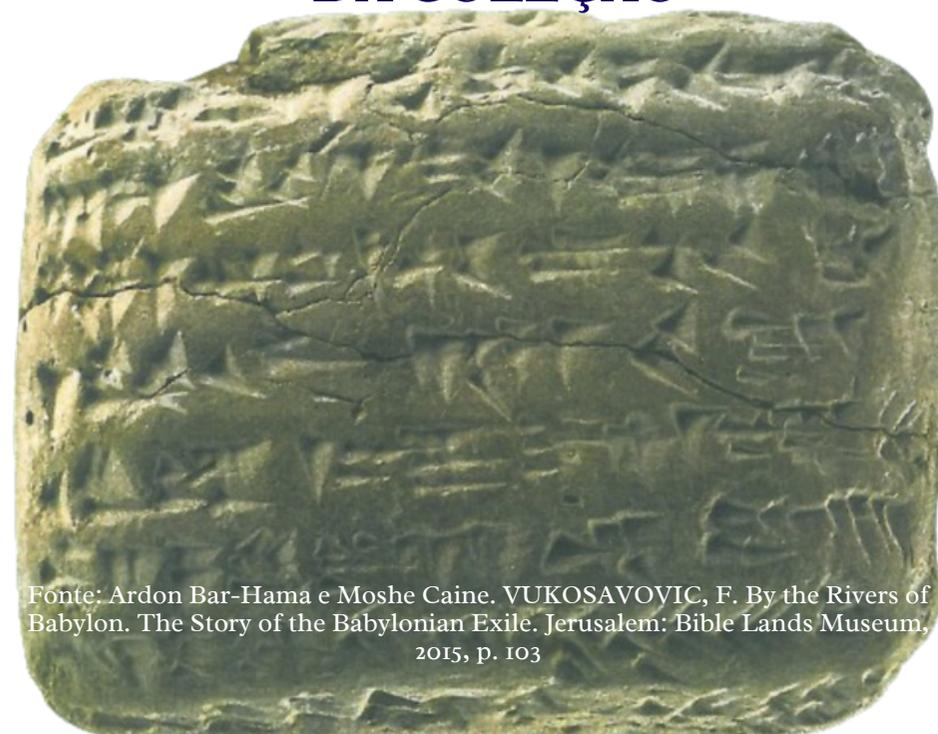
Um olhar sobre os tabletas de Al-Yahudu

Marcelo Rede e Enzo Onodera

Apesar da importância teológica do Exílio Babilônico para a Bíblia Hebraica, seus livros praticamente nada dizem sobre o cotidiano dos judaítas deportados. A história política dos reinos de Judá e Israel acaba com a conquista de Jerusalém, a destruição do Templo e o aprisionamento de Jeconias, rei judaíta, na corte da Babilônia em 587/586 AEC. Dentre os profetas, Ezequiel nos dá algumas pistas sobre a vida dos deportados, mas foca suas exortações no sofrimento e nos desvios do povo, nas punições divinas e nas perspectivas de redenção. Jeremias nos fornece as poucas referências sobre a diversidade da população deportada (Jr 52), e traz, em sua carta aos exilados, um incentivo inusual à retomada da vida cotidiana. O profeta pede a seus conterrâneos que se casem, plantem e tenham filhos enquanto esperam, fora de sua terra, o cumprimento da palavra divina de libertação (Jr 29: 5 em diante). Nos Escritos, o livro de Daniel fala do exílio, mas seu texto tardio faz do palácio babilônico uma imagem retroprojetada de sucesso de um judeu exilado junto a um rei estrangeiro, tema bem conhecido de outros ciclos narrativos, como José no Egito e Ester e Mardoqueu na Pérsia. Enfim, Esdras e Neemias retratam o retorno a Judá e os desafios ao redor da reintegração do povo e da reconstrução do Templo em Yehud após a queda da Babilônia e a ascensão de Ciro II, rei da Pérsia, em 539 AEC.

A Bíblia Hebraica, portanto, conserva imagens esmaecidas da permanência da população judaíta na Babilônia: por um lado, privilegia um discurso negativo, marcado pelo sofrimento do povo, sua redenção e seu retorno triunfal à sua terra de origem; por outro, conserva a imagem de exilados que, apesar de longe de sua terra, conseguiram integrar-se e ascender entre estrangeiros. Em ambos os casos, os textos ecoam longas disputas culturais e séculos de escrita e reedição, conservando relatos sobre o cativo babilônico profundamente teológicos que, em grande parte, ignoram a vida comum dos deportados.

CUSAS 28: 1, O TABLETE MAIS ANTIGO QUE CONHECEMOS DA COLEÇÃO



Fonte: Ardon Bar-Hama e Moshe Caine. VUKOSAVOYIC, F. By the Rivers of Babylon. The Story of the Babylonian Exile. Jerusalem: Bible Lands Museum, 2015, p. 103

A VIDA DOS DEPORTADOS DE JUDÁ NOS CAMPOS DA BABILÔNIA:



Um olhar sobre os tabletes de Al-Yahudu

Marcelo Rede e Enzo Onodera

Nos últimos anos, no entanto, a identificação e publicação de documentos de uma localidade nomeada Al-Yāhūdu (URU *ia-a-hu-du*, em acadiano, com variantes ortográficas), literalmente a “Vila de Judá”, trouxe novas informações, que nos permitem em parte preencher essas lacunas. Publicados em dois grandes volumes – o *Cornell University Studies in Assyriology and Sumerology 28* (CUSAS 28) e o *Babylonische Archiv 6* (BaAr 6) –, esses documentos são tabletes de argilas escritos em língua babilônica fazendo uso do sistema de escrita cuneiforme (Figura 1). Eles seguem um formulário típico e registram transações corriqueiras: arrendamento de campos agrícolas para a plantação de grãos e pomares de tamareiras; alugueis de casas, bois e trabalhadores; empréstimos em produtos ou prata; entregas de grãos de variados tipos (trigo, cevada, sésamo), tâmaras, madeira e fibras. Seguindo o padrão babilônico, as datas são mencionadas com precisão, uma vez que os intervalos de tempo eram parte crucial das transações. Graças a isso, sabemos que o primeiro contrato do corpus que sobreviveu até nossos dias data do dia 20 de Nissanu do ano 33 do reinado de Nabucodonosor II, ou seja, 572 AEC, apenas quinze anos após a destruição de Jerusalém e do Templo em 587 AEC. O último contrato que sobreviveu data de 477 AEC, ano 9 do reinado de Xerxes I, após a conquista da Babilônia por Ciro II e a consolidação do Império Persa no Oriente Próximo.

Os tabletes de Al-Yāhūdu nos permitem estudar a formação e o cotidiano de uma comunidade judaíta no mundo rural babilônico formada não por membros da corte de Judá, mas por trabalhadores rurais, homens e mulheres comuns. No século VI AEC, a grande disponibilidade de terras agrícolas potencialmente produtivas contrastava com a falta de mão de obra no interior da Mesopotâmia. As deportações organizadas pelos babilônicos, além de servirem à coerção política e à conquista de novos territórios, tinham por objetivo povoar essas áreas de grande interesse econômico. Por isso, diversos povos deslocados pelo poder imperial foram organizados em pequenas comunidades na Mesopotâmia, onde receberam lotes de terra dos babilônicos para sua subsistência e usufruto. Distantes dos palácios e de seu rei exilado, muitos desses judaítas foram integrados a esse sistema, que hoje chamamos de *terra-por-serviço*. A coroa exigia deles a manutenção de um fluxo contínuo de produtos que fluísse de suas terras em direção ao centro do Império, fornecendo cevada, sésamo, tâmaras e trigo aos centros urbanos.

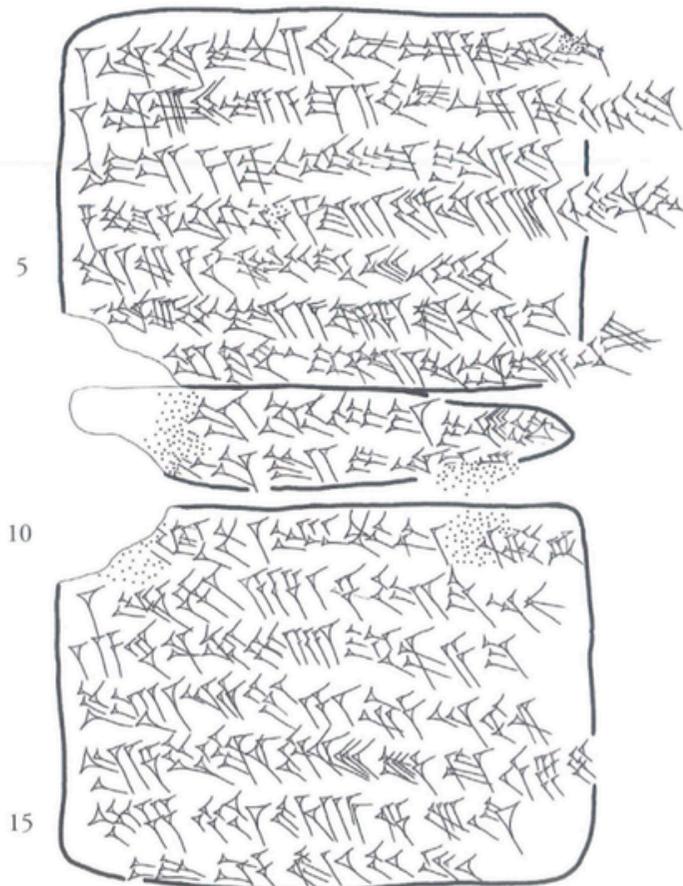
A VIDA DOS DEPORTADOS DE JUDÁ NOS CAMPOS DA BABILÔNIA:

Um olhar sobre os tabletes de Al-Yahudu

Marcelo Rede e Enzo Onodera

A partir dos tabletes de Al-Yāhūdu, é possível ver a variedade e as quantidades de produtos pagos pelos deportados. Nos tabletes CUSAS 28:14 e 15, e BaAr 6:12, vemos listas de trabalhadores seguidas dos volumes de produtos agrícolas fornecidos por cada um. Nesses tabletes, os trabalhadores são denominados pelo termo acadiano *šušānū*, indivíduos de status social semi-livre ligados por relações de servidão e dependência a terras da coroa e dos grandes templos. Nos três exemplos, todos os listados são judaítas e coletivamente são representados por um intermediário de mesma origem, que se compromete a organizar e pagar as obrigações à coroa. Os três documentos datam do reinado de Dario I, rei da Pérsia (522 – 486 AEC), e nos mostram que muitos descendentes de deportados continuavam a viver na Mesopotâmia como simples trabalhadores rurais mesmo anos após a queda do Império Babilônico.

CONTRATO DE TÂMARAS (BAAR 6:12) DATADO DO ANO DE 517 AEC, QUINTO ANO DO REINADO DE DARIO I



obv. 1 ^mna-te-i-nu a-^{hi} BAN 2 GUR 2(P1) 3(BÁN) ZÚ.LUM.MA
2 ^mtù(DU)-ú-bu-ia-a-ma a-^{hi} BAN 1 GUR 1(P1) 5(BÁN) ZÚ.LUM.MA
3 PAP 3 GUR 3(P1) 5(BÁN)^{sic1} ZÚ.LUM.MA ZAG.<LU> A.ŠA
4 šá ^{li}šú-šá-^{na}-ni-e šá ŠU^{II} ^mSUM.NA-a A-šú šá ^mši-in-qa-²
5 ^{li}2-ú šá SAL.¹ANŠE¹.KUR.RA^{mes} ina UGU-^{hi}
6 ^mtù-ú-bu-ia-a-ma A-šú šá ^mki-nu-<ia>-a-ma
7 [u¹]x¹-ru-ku-² DUMU.SAL-su <šá> ^mab-du-¹ia-a-^{hu}-ú
8 [ina ^{hi}A]PIN ZÚ.LUM.MA i-nam-din-²
9 [1-en p]u-ut ^{li}2-i na-¹šú-ú¹
rev. 10 [^{li}m]u-kin-nu ^{md}AG-NUMUN-DÙ 'A¹-[šú šá^m]i¹-gab-ri
11 ^{md}EN-KAM A-šú šá ^mšá-lam-ma-an-nu
12 ^ma-^{hi}-qa-am-mu A-šú šá ^mra-pa-a-ma
13 ^{li}UMBISAG ^{md}UTU-KAM A ^mSIG₁₅-³IM
14 URU šá ^{li}DAM.NAGAR^{mes} ^{iti}DU₆ UD 8.KAM
15 MU 5.KAM ^mda-a-ru¹-ú-šú
16 LUGAL E^{ki} u KUR^{mes}

Tradução

Natīn 2.2.3. *kur* (450 L) de tâmaras
Tüb-Yāma 1.1.5. *kur* (246 L) de tâmaras

Total: 3.3.5 *kur* (678 L) de tâmaras, o aluguel *imittu* (estimado) das terras (de arco) dos *šušānu*, sob administração de Iddinaia, filho de Šinquia, representante (do responsável pelas) éguas (*rab urāti*), são devidos por Tüb-Yāma, filho de Kīn-Yāma, e [...]*rūku*, filha de Abdi-Yāhu.

[No oitavo] mês, eles entregarão as tâmaras. [Um] garante pelo outro.

Lista de testemunhas, nome do escriba, data e local de emissão do tablete.

A VIDA DOS DEPORTADOS DE JUDÁ NOS CAMPOS DA BABILÔNIA:



Um olhar sobre os tabletes de Al-Yahudu

Marcelo Rede e Enzo Onodera

No entanto, a vida dos deportados não se resumia ao simples trabalho no campo. O tablete CUSAS 28:36, contemporâneo aos tabletes do exemplo anterior, registra uma dívida de milhares de litros de cevada do judaíta Aḥīqam, filho de Rapā-Yāma, a outro judaíta de nome Banā-Yāma, filho de Abdi-Yāḥû. O acordo, além envolver dois descendentes de deportados, descreve a cevada como parte da *propriedade do rei*, e Banā-Yāma como seu administrador. Por *propriedade do rei*, entende-se todo tipo de produto agrícola produzido em terras ligadas diretamente à coroa, cuja posse pertencia a membros da família real ou ao próprio monarca. Assim, este tablete nos mostra que alguns deportados ascenderam consideravelmente na hierarquia de suas regiões, chegando mesmo ao ponto de administrar propriedades da coroa e da elite persa. Contemporâneos, Banā-Yāma, o administrador da propriedade real, e os *šušānū* dos tabletes anteriores, compartilhavam uma origem comum enquanto descendentes dos deportados de Judá, mas desempenhavam papéis completamente diferentes no mundo rural babilônico.

Outros deportados, mesmo que não trabalhassem para a coroa, ocupavam papéis locais importantes e agiam como pontes entre as camadas mais baixas de sua comunidade e os oficiais da administração imperial. É o caso de Aḥīqar, filho de Rīmut, um judaíta e morador de Bīt-Našar, vilarejo próximo a Al-Yāhūdu também formado por descendentes de deportados. No tablete CUSAS 28:86, Aḥīqar é o credor de uma dívida de 360 litros de tâmaras cobrada de dois homens: Ubārāia, filho de Nabû-dalā, e Ina-Il, filho de Nabû-Tuqqinanni. Segundo descreve o documento, as tâmaras equivalem a um pagamento em prata feito anteriormente pelo credor às tropas do rei em nome de seus dois devedores. É necessário dizer que, além do fornecimento periódico de produtos agrícolas, muitos trabalhadores inscritos no sistema de terra-por-serviço estavam sujeitos a tributos em forma de serviço, algo semelhante às corveias que conhecemos do campesinato medieval no Ocidente. Alguns desses serviços estavam ligados a funções militares, de modo que parte das terras distribuídas pelos babilônicos aos deportados recebiam o nome de funções do exército, como “terras-de-arco” ou “terras-de-carruagem”. Assim, cada uma dessas propriedades deveria fornecer homens para as tropas do rei de acordo com as necessidades e as demandas da coroa.

A VIDA DOS DEPORTADOS DE JUDÁ NOS CAMPOS DA BABILÔNIA:

Um olhar sobre os tabletas de Al-Yahudu

Marcelo Rede e Enzo Onodera

Esse serviço obrigatório, contudo, poderia muitas vezes ser substituído pelo pagamento de uma taxa extra em prata para a contratação de substitutos, o que vemos acontecer em CUSAS 28:86. Os devedores, trabalhadores rurais obrigados a compor o exército, apelaram a Aḥīqar para conseguir a prata necessária para a contratação de substitutos. Aḥīqar cumpriu com o pedido e pagou as tropas do rei, exigindo de Ubaraia e Ina-il um pagamento futuro desse mesmo valor convertido em tâmaras. O acesso ao metal era restrito, levando homens do campo de menor status social a recorrer a seus pares de maior poder econômico para consegui-lo. Como sabemos por outros documentos, Aḥīqar mantinha negócios com homens da administração imperial e das elites urbanas, a partir dos quais ele conseguia a prata que, em seu vilarejo, emprestava a outros trabalhadores rurais para que evitassem os serviços de corvéia. Em contrapartida, esses homens o pagavam em produtos agrícolas e muitas vezes colocavam suas próprias terras como garantia de que cumpririam com os acordos. É provável que muitos não conseguissem pagá-lo, cedendo suas propriedades a Aḥīqar, que aos poucos aumentava seus terrenos e enriquecia. Em um ciclo crescente, seu papel como intermediário fortalecia seu poder econômico e vice e versa.

Como vimos até aqui, os tabletas de Al-Yāhūdu ocupam uma lacuna que, a partir apenas do texto bíblico, não conseguíamos preencher. Esses documentos cuneiformes da comunidade judaíta exilada dizem respeito a realidades que lhe são contemporâneas, ao passo que os relatos bíblicos do cativo babilônico são construções posteriores, fortemente marcadas por concepções teológicas e orientadas por projetos políticos relativos ao retorno (que não são, aliás, unívocos).



A VIDA DOS DEPORTADOS DE JUDÁ NOS CAMPOS DA BABILÔNIA:



Um olhar sobre os tabletes de Al-Yahudu

Marcelo Rede e Enzo Onodera

Ao mesmo tempo, o debate aqui proposto não sugere uma hierarquia entre as fontes, uma vez que as qualidades dos tabletes não implicam sua superioridade em relação ao texto bíblico. São fontes diferentes, com potenciais que se mostram em função das problemáticas apresentadas pelo historiador. No caso dos documentos de Al-Yāhūdu, esse potencial é triplo: suprir as lacunas de informação que tínhamos sobre o cotidiano dos deportados; deslocar o foco das elites, da corte e da realeza para a população ordinária; ampliar o leque de questões historiográficas, sobretudo no que diz respeito às questões socioeconômicas. Afinal, como vimos pelos exemplos apresentados aqui, a vida dos judaítas na Babilônia foi marcada por uma alta diversidade de posições sociais e por diferenças internas à própria comunidade. Alguns tiveram sucesso e puderam ascender consideravelmente dentro de suas comunidades, enquanto outros, mesmo após quase um século de exílio, continuaram a viver como trabalhadores rurais dependentes do estado, empobrecidos e sujeitos ao pagamento constante de tributos. Em todos esses casos, os tabletes de Al-Yāhūdu nos mostram quão diversa e complexa foi a vida das pessoas comuns deportadas após a queda de Judá e a formação de suas novas comunidades no mundo rural babilônico.

Marcelo Rede é professor de História Antiga da USP

Enzo Onodera é mestrando em História Social (FFLCH-USP), bolsa Fapesp (processo 2022/12649-0)

Bibliografia (Para saber mais):

PEARCE, L. E.; WUNSCH, C. – Documents of Judean exiles and West Semites in Babylonia in the collection of David Sofer. CUSAS, 28. Bethesda: CDL Press, 2014.

REDE, M. – Al-Yahudu: os arquivos do exílio babilônico. Arquivo Maaravi. Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, 2019, p. 1-16.

REDE, M. – Negociando sob Impérios: sociabilidades judaítas na Babilônia (séculos VI e V AEC). In: CARVALHO, M.; MORENO, A.; JOSÉ, N. (eds.). Impérios, Imperadores e Redes de Sociabilidade no Mundo Antigo. São Paulo: Editora CRV, 2023, p. 39 - 63.

WUNSCH, C. Judaeans by the Waters of Babylon. New historical evidence in cuneiform sources from rural Babylonia primarily from the Schøyen Collection. BaAr 6. Dresden: ISLET, 2022.